

BARCELLOS--Cruzeiro do Fayal

(Cliché do distinto phot. A. Soucasoux)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 17 de julho de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 107—Anno III

Os Reis e a guerra



A imperatriz da Russia e suas filhas pensando os feridos no hospital de Tsarkoie-Selo

Chronica da Semana



Neutralidade e conveniencia

AINDA hoje, leitor, eu quero chamar a tua attenção para o problema da Europa, das ideias que a agitam, das ambições que a incendeiam. Embora não acredite na influencia da *determinante externa* sobre a nossa vida politica (em que diariamente me vem falando um amigo, muito atido a messianismo e sonhador incorrigivel), as licções que a guerra nos ensina, são incomparavelmente mais importantes do que os acontecimentos da nossa terra, as phrases, os solavancos da crises que nos mata a pouco e pouco.

Explicado fica, portanto, que hoje intitulemos esta chronica com a palavra mais discutida dos ultimos tempos, representativa tambem da ideia que mais controversa tem suscitado na imprensa e nas chancellarias: — *neutralidade*.

Nos tractados de direito internacional, neutralidade é a paz constituida em face da guerra e respeitando os seus direitos. Não é porém, questão saber o que é ou não é neutralidade, que nos inspira, antes fazer ver aos leitores que, não valendo a neutralidade senão pelos argumentos que a sustentam, muito mais importancia offerecem estes que a ideia neutral em si mesmo.

Vivendo o mundo actual em pleno utilitarismo, tendo a força por idolo e a ganancia por acicate, — não é de espantar que a questão da neutralidade redunde afinal e em summa, ao espirito da Europa, n'uma simples questão de inconveniencia ou conveniencia, de utilidade ou inutilidade, de bom ou mau interesse particular. E todavia não é nem deve ser este o grande argumento. E neutralidade baseia-se essencialmente no dever elementar que as leis da moral universal impõem de nos inclinar-mos para o lado do direito e da justiça.

Não imagine o leitor que estas duas palavras me inebriam como a qualquer plumitivo de gazeta radical. Para mim, o direito e a justiça não são monopolio dos alliados... e penso até que sob o ponto de vista da neutralidade, constituem o mais completo desmentido das que servem aos beligerantes de um e outro campo, de fragil justificação dos seus barbaros desmandos e violencias.

E' que toda esta guerra immensamente horrorosa é filha da politica utilitaria que domina nas chancellarias europeias, politica de morte e de rapina que prosterga todos os principios da equidade, a derrota a propria razão, politica de absurdos e de sophismass que toma por bússula o mais procaz e desenfreado egoismo. E' o ideal de Berlim e de Petrogrado, de Londres, de Roma e de Paris. Olha apenas

para as vantagens a obter por qualquer meio. Devemos-lhe o roubo do nosso patrimonio colonial na Africa do Sul, perpetrado pela mão de Cecil Rhodes, o cão de guarda de Chamberlain. E' ella, é ella a grande assassina da Belgica, a retalhadora infame do territorio da Polonia, a creadora d'esses monstros que ora buscam estrangular o mundo e que se chamam o pan-germanismo, o pan-eslavismo, o navalismo inglez!...

E é tanto o mal que ella causa, que roubou até ás deias pacificadoras o seu unico e admissivel significado, como se vê agora com a de neutralidade. Ainda ha dias eu vi num jornal francez que a neutralidade é um mytho...

Hoje em varias nações da Europa o problema da neutralidade põe-se como o das vantagens. A Hespanha, por exemplo, deve ser neutral se da neutralidade lhe adveem vantagens de qualquer ordem e não deve ser neutrai se á guerra a impellem certos beneficios de conquista. O dever, a moral estão arredados d'este debate como elementos infelizes.

Os pregadores de tal systema não reparam que adoptal-o, é reconhecer como justa a attitude da Italia e da Allemanha, esta rasgando tractados, aquella atacando pelas costas o amigo de hontem, é confessar como nobres os processos politicos da Inglaterra, informados apenas na conveniencia propria, no seu especial e exclusivo interesse, é atirar o espirito do homem para uma contradicção tão flagrante como a de, por um lado negar a Allemanha a posse da Alsacia e da Lorena (desagregadas da Prussia por Luiz XIV e reconquistadas por ella na guerra de 70) com o fundamento de n'essas provincias se fallar o allemão; e de por outro lado, defender um pretenso direito da Italia sobre o Trentino só porque n'esta provincia austriaca se falla o italiano! E' isto justo? Certo, que não. Não pode haver criterios diferentes para julgar factos da mesma natureza ou absolutamente identicos, conforme a conveniencia do juiz. Não é digno nem sensato que se applauda a invasão franceza de 1808 e se condemne a Hespanha, tambem invadida, por n'este mesmo anno machinar com a França o retalhamento do nosso territorio. Ou se applaudem ambas ou ambas se reprovam.

Em questões de deveres collectivos, escreveu alguém, ha que adoptar principios firmes, sob pena de se incorrer e cair em inconsequencias e contradicções que tiram todo o valor real e effectivo a esses deveres, deixando-os por completo abandonados aos caprichos e sugestões do egoismo.

A neutralidade, leitor, não é pois, uma questão de vantagem e de conveniencias. E' o protesto da justiça, da moral e da paz contra o utilitarismo politico das nações em guerra, é um dever sagrado, e tão sagrado que todo o interesse deve ser-lhe sacrificado, que é preferivel aceitar qualquer prejuizo a violal-o.

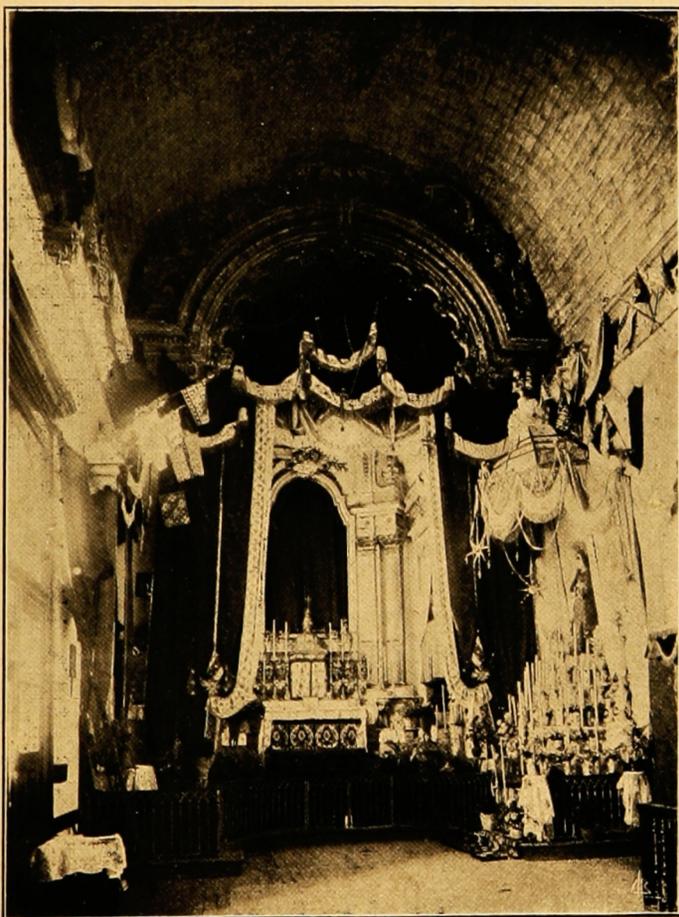
E' hora de repetir aos ouvidos d'essa Europa em delirio aquella phrase do heroe: antes a pobreza com honra do que a opulencia sem ella...

F. V.

VIDA INTENSA

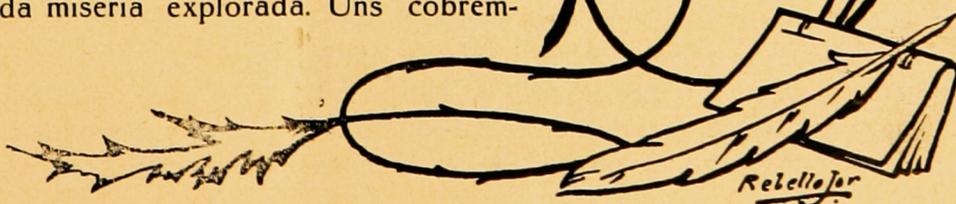
A industria da chaga:

No verão com as romarias tradicionais, tão cheias de alegria e de pitoresco, de descantes comovidos e rondas alegres, estas lindas estradas minhotas povoam-se de mendigos, suspirando, clamando, em linha extranha d'aleijões e de pustulas, a fazerem a beirada tragica do caminho, n'uma amalgama horrivel, como se fossem os braços d'um extranho arbusto, que ao sol abrisse n'uma floração macabra, de chagas e d'aleijões. Desgraças de todas as especies, degenerencias de todas as raças, exploradas cynicamente, como ganha pão, por ahi constituem o horrivel, repugnante chamariz á caridade dos outros. Vem de lon-



BRAGA — Conclusão do mez de Maria e Jesus na capella de Santa Thereza

ge, com a mesma historia e a mesma lamuria, arrastando por pou-sadas e caminhos, a mesma desgraça, esses mendigos, esfarrapados theatralmente, chorosos por calculo, benzedores e onzeneiros, a re-za sempre prompta para a esmola, a praga sempre nova para a re-cusa. São o bando sinistro dos exploradores das chagas e dos aleijões — velhos, novos, creanças, de todas as raças mas fallando a mesma linguagem internacional da miseria explorada. Uns cobrem-



se de chagas artificiaes, de phantasticas feridas; outros com drogas crimosas de benzeiras afamadas, abriam feridas sangrentas para garantirem o pão de cada dia. São creanças a quem a ferocidade gananciosa dos paes, semeou o corpo de feridas ou vendeu, em alguma feira a um bando de mendigos, o direito de lhe esmagarem uma perna ou rasgarem uma pustula. São os horriveis abortos, as crueis e amargas degenerescencias, que longe d'encherem de lucto a alma afflictiva d'um pae lhes peja de cobre a bolsa gananciosa.

me sempre aquella noite horrivel de Valladolid. Era n'um *callejon* esconso, sinistro,—o scenario natural d'alfurja, o *habitat* do crime... Eu voltava ao hotel, depois de me ter perdido, horas antes, quando horriveis gritos me sacudiram e logo d'um portal inrrompeu chorando, uma creança a quem os *amos* pretendiam á viva força chagar uma mão... Nunca esquecerei aquella noite, nunca esquecerei a voz velhaca estentorica da velha, que logo sahiu em desculpas, a recolher o desgraçado...

Alli fabricavam-se mendigos, exploravam-se



VIEIRA DO MINHO. Guilhofrei—Grupo de creanças que fizeram a primeira communhão no dia da festa ao S. Coração de Jesus e receberam o donativo de um escudo cada creança, recordação do snr. Visconde de Guilhofrei

Entre esta legião d'exploradores ha que notar duas cathogorias absolutamente diversas: uns, que fazem por conta e vontade propria, da sua miseria, da sua desgraça, uma fonte de receita; outros, que são obrigados a exhibir os seus aleijões e são estes, os desgraçados, os que soffrem os vexames, os maus tratos, a fome, os castigos dos grandes industriaes.

São esses entes horrorosos, disformes abjectos, farrapos humanos como os farrapos, que os cobrem, a quem crivaram de feridas o corpo e o quem crivam a existencia de barbaridades...

Eu creio, que esta industria infame e quasi regulamentada, tem o seu fôco em Hespanha. Alli deve ser o seu grande centro productor, a Manchester macabra da mendicidade. Lembra-

as miserias, as desgraças, os horrores humanos, quasi á vista do sereno, que indifferente cantava as horas. E' por isso que em tardes alegres de romaria essa horda lamurienta de mendigos chagados me não toca a piedade, me não comove e só me sugere com horror, a mais funda abjecção, o nojo mais profundo, por essa industria brutal... que o Estado cynicamente consente e é capaz de contribuir registrará solemnemente com exclusivo de marca:—*A industria da chaga.*

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



VIA DOLOROSA

(DO CASTELHANO)

ESTAVA Elle sobre um monte, ao pé de uma cidade, cravado na Cruz...

Era a agonia do sol...

E o céu era vermelho de sangue do sol, e a terra era vermelha do sangue de Christo...

E havia um grande silencio na tarde...

E n'aquella hora em que tudo estava consumado...

E n'aquella hora em que tudo devia ser sublime...

Até a crueldade dos verdugos...

Até a propria dor...

Christo recordava os dias tranquilos dos primeiros annos da sua existencia...

Recordava Jesus aquellas noites serenas da sua aldeia, no regaço de sua mãe que lhe fallava da lua e das estrellas e lhe referia contos de caravanas...

Todas aquellas historias que os nómadas traziam do Oriente...

Recordava a voz de sua mãe quando cantava canções longinhas que aprendera ainda infante e perpassavam sempre frescas e novas, de geração em geração...

Recordava aquellas doces mãos que se compraziam em entrançar os seus largos cabellos...

E aquelles olhos que estavam sempre sobre os seus proprios olhos, como uma caricia incessante...

E aquelles labios que tinham dado os mais ternos beijos e tinham despertado os mais puros pensamentos da sua fronte...

Christo transluzia estas recordações em palavras debeis, como gemidos...

Palavras de tristeza infinita...

De amargura...

E assim, toda a sua vida passada, toda a sua adolescencia cheia de revelações inquietantes...

A sua juventude ávida das mais arduas empezas...

O seu infinito amor pelos homens e a fé na sua Divina Missão...

A abnegação dos seus discipulos...

A realização do seu apostolado...

A voz da tentação enlouquecendo e arrebatando os homens...

E por fim, todos os episodios da sua Paixão até ao Calvario...

Oh! Via Dolorosa!...

Via-Crucis!...

Consumatum est!...

E Christo, ao recordar a sua vida, chorava as ultimas gotas do seu sangue, derramado para purificar a Humanidade...

O seu olhar voava pelo espaço até perder-se nos longinuos horizontes do porvir...

E a voz da tentação ainda cantava perfidamente aos seus ouvidos...

«Que vês, que descobres, mais para além das miserias presentes?...»

Christo, como sonhando, dizia em voz maguada:

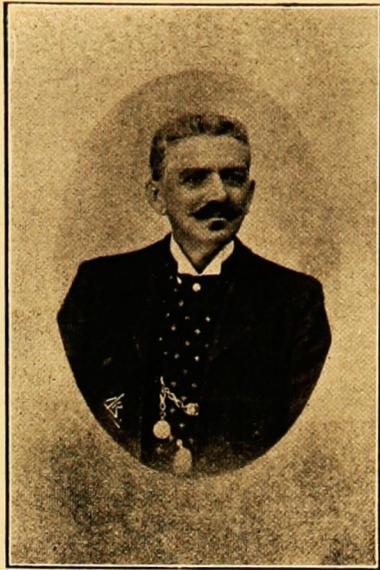
«Vejo um grande incendio na cidade das Sête Collinas...

Toda a cidade está envolta em chammas... Ardem até os templos dos deuses gentilicos... até o palacio dos Césares... Um homem loiro, com um manto de purpura e um olho de esmeralda, está tocando uma cythara no alto de uma torre... É um imperador que tem sobre a fronte uma coroa de hystrião... Canta como uma cortezá ebria...»

— E mais além que vês? — continuava perguntando a voz insinuante...

«Vejo, proseguiu Christo, um grande circo de festas onde um povo civilizado se regosija com o martyrio d'aquelles que pregam a minha fé. Uns morrem como eu, na cruz... Outros são devorados pelas fêras... Outros perecem nas chammas e são os tocheiros vivos da festa infernal... O homem do olho verde e do diadema de hystrião tem um riso sinistro... Ri como a imagem de Moloch... Sobre essa terra baptisada com o sangue de meus irmãos, eu edificarei a minha Igreja!...»

— Que vês ainda mais ao longe?...



O *Snr. Visconde de Guilhofrei (José Gonçalves Guimarães)* illustre benemerito que offereceu ás escolas de ambos os sexos da sua freguezia, mobílias, e reedificou o altar da Egreja dotando-o com uma nova imagem do *S. Coração de Jesus*

«Essa mesma cidade das Sête Collinas, invadidas por hordas de barbaros... Legiões de centauros, vindos das mysteriosas selvas do Norte, tudo arrazam... Os templos são derrocados, as casas incendiadas, as pessoas passadas a fio d'espada, sem piedade...»

A um grande silencio de Christo, a voz tornou a perguntar.

«Agora vejo a minha Egreja na Cidade Eterna... Mil peregrinações para ella vem de todas as partes do mundo...»

«Vejo tambem, a caminho de outras terras, exercitos de cruzados...»

«Vejo caravellas que, com o emblema da Cruz, vão a descobrir um mundo...»

«Vejo os martyrios dos heresiarcas... Os autos de fé...»

«A Revolução religiosa..»

«A Revolução social...»

«Vejo um caudilho audaz que pretende conquistar o mundo...»

Christo guardou silencio novamente. O seu olhar, que era agora mais sombrio, n'um rapido vôo tinha percorrido vinte séculos e parou deante de um grande campo de batalha...

Um campo onde luctavam os mais poderosos exercitos do mundo... Luctavam entre si, com fogos destruidores, até se aniquillarem...

— Que vês? Que vês agora? dizia com sarcasmo a voz da tentação.

«Todos esses seres estão baptizados em teu nome..»

«Todos conhecem este teu sacrificio, para sua redempção...»

«Todos rezaram nos teus altares, commun-garam o teu corpo...»

«A ignorancia que agora cega os teus ver-dugos, não os desculpa...»

ON

«São a descendencia de mil gerações cres-cidas ao amparo da Cruz...»

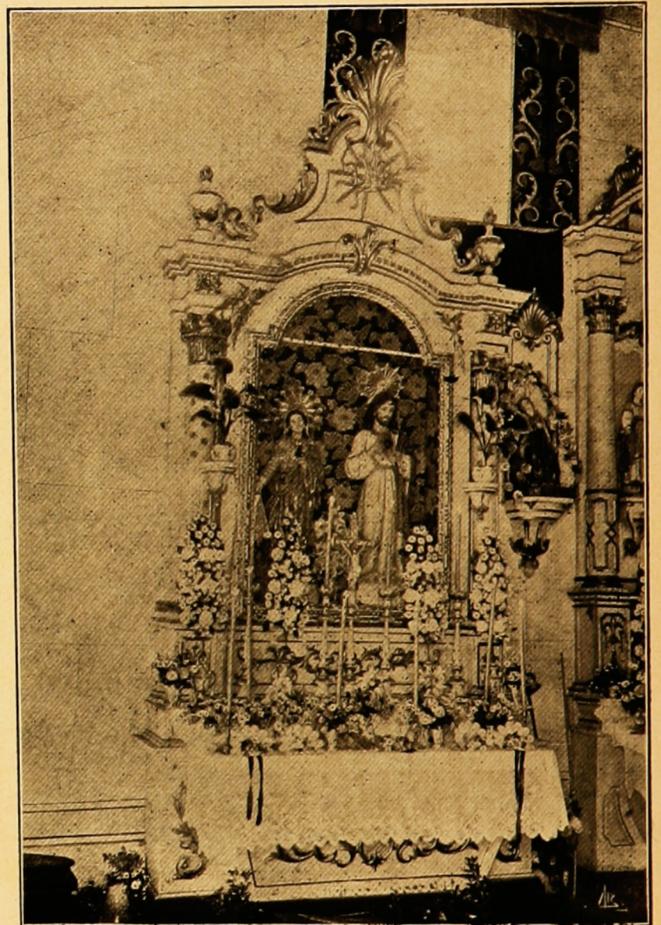
«Porque se matam, porque incendeiam, por-que profanam e destroem os teus templos?...»

«Crianças sacrificadas...»



A *Snr.ª Viscondessa de Guilhofrei (D. Luiza Martins Guimarães)*

«Mulheres violadas...»
 «Povoações derruidas...»
 «Por toda a parte, o exterminio.. até pelo ar... até no seio das ondas...»
 «E todos elles se dizem christãos!...»



VIEIRA DO MINHO. Guilhofrei. — Imagem do *S. Coração de Jesus* offerecida pelo *Ex.^{mo} Snr. Visconde de Guilhofrei* e o altar mandado reedificar pelo mesmo benemerito

(Clichés do nosso correspondente)

NO



Capella de S. João Baptista recentemente construida no lugar do Monte, freguezia de Marinhos (Espozende) e solememente benzida no dia 24 de Junho

«É é por elles que tu te sacrificas... e são elles os que queres redimir...

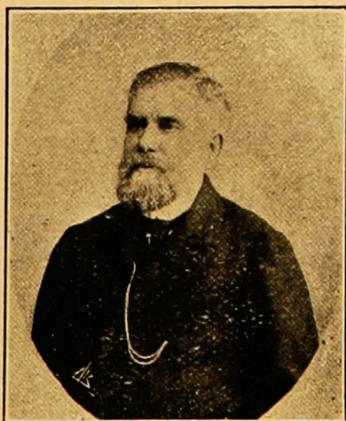
«Responde !...»

Porém Jesus não respondeu...

Estava morto...

— Oh! *Via Dolorosa!*...

Então uma voz que não era a da tentação, disse das alluras, com accento de misericordia:



O Ex.^{mo} Sr. Joaquim Martins Pillar, de Marinhos, Espozende, actualmente residente no Rio de Janeiro; a linda capella de S. João Baptista foi construida quasi a expensas d'este fervoroso crente

— «Pae, perdoae-lhes, porque não sabem o que fazem !...»

«É o véo do tempo rasgou-se d'alto a baixo (como dizem as Sagradas Escripturas) e a terra tremeu..»

E a face da terra cobriu se com uma sombra de espanto...



D.º Anselmo Boaventura Rego, de Marinhos, Espozende; fundador da elegante capella c'e S. João Baptista

COINCIDENCIA



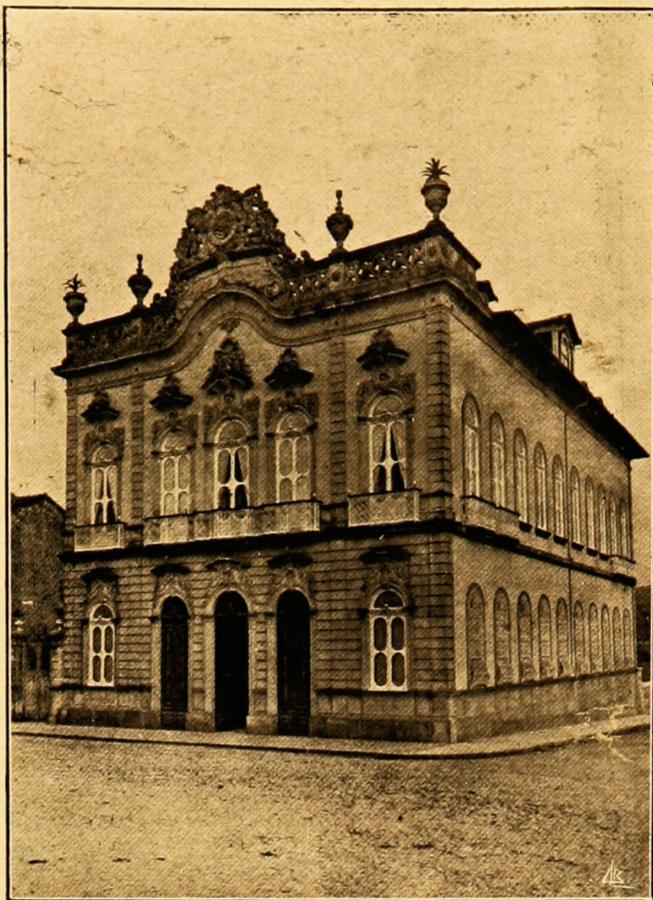
A gloria é um deposito sagrado
Quem o deixa fugir por mal seguro
As maldições merece do futuro,
Mos'rando ser indigno do legado.

FERNANDES COSTA.

PERTO d'Avila, berço da serafica Theresa de Jesus, na fértil Castilha, a provincia mais rica d'Hespanha em cereaes, ao pé do rio Arevalillo, no confluente do Adaja, encastoadada entre as ceáras douradas do trigo, vive ainda Arevalo, cidade antiga e historica, com vestigios de fortificações, muros destroncados, aspecto mediéval, atravez das civilisações.

N'um fundo recondito do valle jazem, como n'um cemiterio campestre, os restos historicos d'um castello que foi o Paço d'Arevalo, montões de pedras indifferentes aos olhos distrahi-dos do viajante, arcarias que são poemas, columnas que foram testemunhas d'heroismos de tempos idos, o torreão reducto da defesa do castello, d'accessio difficil pelo canal que o cercava, torrinhãs algumas ainda, antigos ninhos das cegonhas e onde nas noites sem lua se cu-ve como gemido d'almas angustiadas o pipilar das corujas.

Alli passãram cabeças coroadas, as élites do throno e da raça castelhana, como Izabel a catholica, Carlos V, Philipe IV e antes d'elles



BRAGA — O lindo palacete Mattos Graça

o rei menino Henrique IV de Castilha, filho de D. João II; abdicou moço ainda e foi enterrado perto de Naval Noral, em Guadelupe, n'um convento de Jeronymitas, campa ao lado do desditoso principe Dom Denis, filho de Dom Pedro e da linda Inez.

Henrique illuminava com a sua alegre infancia a melancolia dos paços d'Arevalo, distrahindo a tristeza doentia de seu pae, Dom João II, viuvo, rei ocioso, inapto, quasi infantil tambem dominado por o Condestavel Alvaro de Luna que mais tarde pela volubilidade das coisas hu-

NO
NO

manas, veio a morrer n'um cadafalso. El-rei contrahe as nupcias. A nova rainha doente tambem, pallida e soffredora, mas linda e virtuosa, amava apaixonadamente o Rei seu esposo, era boa e dedicada como sua visavô Dona Leonor d'Alvim, mulher de Nun'Alvares, como elle, era piedosa, herdára-lhe da alma a grandeza, do coração as excelsas qualidades, menos os rancores politicos e os odios de raça; cingindo a coroa de Castella esqueceu o passado, a bisneta do Condestavel de Portugal, do vencedor d'Aljubarrota, do inimigo invencivel do castelhano que é hoje o seu povo!... Não lhe peza na frente essa coroa resgatada com o sangue portuguez, não se lembra que os rubis encastuados n'esse ouro, são gottas de sangue dos seus avoengos mortos no campo da honra, que as saphiras são coloridas no sangue azul que jorrou d'essa mocidade dos Mellos, Rodrigues de Vasconcellos, Pereira, Bernardim Solla, os heroes da *ala dos namorados*!...

Coroa maldita que o Condestavel não trocaria por os louros dos Atoleiros, peza a maldição sobre a frente inconsciente d'uma bisneta, loira e linda que na flôr dos seus annos sorri ao encantamento do seu lar, aclimatada a esse ceu do Guadiana que o Condestavel tingiu com o sangue dos seus companheiros d'armas na victoria de Valverde; como não encontra ella nos arminhos da sua purpura vestigios das sangrentas luctas dos seus avoengos? como nas noites d'insomnia, qual outra Lady Macbeth, não vê ella sombras d'espectros e fantasmas épicos?...

N'um mundo onde o innocente paga por o pecador, a maldição não dorme, vae reanimando por entre as illusões do presente, como as silvas entre roseiras floridas. A princeza de Portugal foi recebida em Castilha na sua radiante mocidade, com festejos sumptuosos e as nupcias celebradas em 1447 em Madrigal, trazendo ella em dote do seu patrimonio 60:000 florins, mais 45:000 e 15:000 com que a dotou o rei seu esposo dando-lhe Sorias, Ciudad Real e Madrigal; ninguem reconhecia n'ella a bisneta do Condestavel, Castella só acclamava a joven rainha que seria a mãe da grande Izabel a Catholica.

A côrte é agitada pelas intrigas d'Alvaro de Luna e Chacon em Valladolid, Izabel II, alheia á politica, entregue á caridade e á doçura do seu lar, na poesia suave do seu temperamento melancolico, como outra loira Penelope, nas longas vigalias d'inverno, as suas mãos de cera bordam n'uma interminavel *tapisserie*, (o classico trabalho das castellãs me-



Varandim

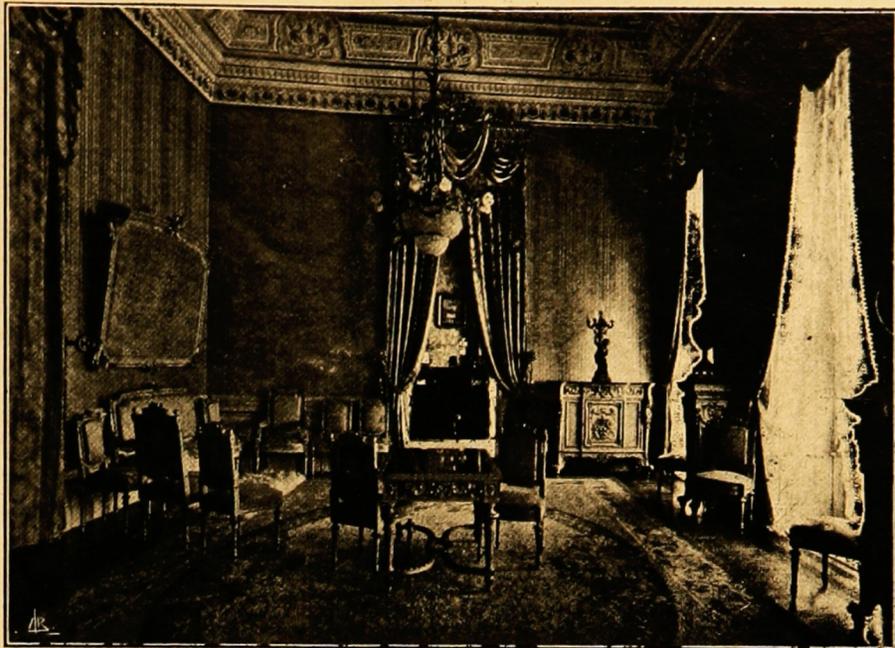
dievaes) ou então sentada ao clavecim, encrustado de marfim e ouro, os seus dedos como bilros correm em melodias cantadas pelos trovadores.

A castellã real, a rainha do Castello, pedia um throno de sonhos, esfumados no azul d'um ceu, mas... o fantasma da maldição paira sobre ella, a força do destino não perdôa...

Mas... lá do fundo das arcarias do Carmo, sepultado o frade, resuscita o heroe e a sua espada vingadora como a de Damocles, paira sobre o throno de Castella.

Morre Dom João II e o desgosto em que ficou a rainha foi tão grande, que nunca mais recuperou a razão!

Arevãlo é scenario d'essa tragedia de quarenta e dois annos, alli acaba o seu triste viver a rainha: louca nas vigalias e dias d'insomnias ouve tropeis de caballos, sons longiquos de clarins, canta, ri, chora, vê fantasmas, chiméras, cobre-se de flores, e assim entre resas e lagrimas decórre o envelhecer triste e angustioso da bisneta do condestavel, a filha da sua neta vallida, a celebre Izabelinha «flor primaveril do inverno da sua vida» que ia aos jardins do mosteiro do Carmo, brincar com o avô, sorrir á sua velhice, enxugar-lhe as lagrimas com caricias innocentes, mesclar o ouro dos seus cabel-



Salão Nobre

los com a neve da barba do frade! Quem lhe diria a Ella que um ramo d'esse tronco hérculeo se enxertaria em Castella, que o sangue do seu sangue, se legaria ao Castelhana, que uma fronte bisneta da sua nymbada dos louros d'Aljubarrota, cingiria a corôa do inimigo?...

Durante quarenta e dois annos de loucura a rainha conserva os traços da sua formosura. Os cabellos como ouro e prata esparsos, cobertos de flores, translucida como uma figura de cera vagueia pelo castello, dorme ao luar, e em noites sem fim toca e canta ao clavecim conservando na loucura a poesia da sua vida amorosa; victima expiatoria de crimes que não cometteu, maldição da raça!... Destruiu tradições, uniu o amor ao odio, e por uma coincidência, que faz justiça ao vencedor de Castella, morre em 15 d'Agosto de 1496, anniversario da victoria d'Aljubarrota!...

Braga, 30 de Junho de 1915.

ALMAFALLA.

Izabel de Portugal teve 2 filhos, Affonso e Izabel a Catholica, 3.^a neta do Condestavel, e a primeira que reúne as corôas de Castella e Aragão. A filha d'esta é Joanna a Louca, 4.^a neta do Condestavel.

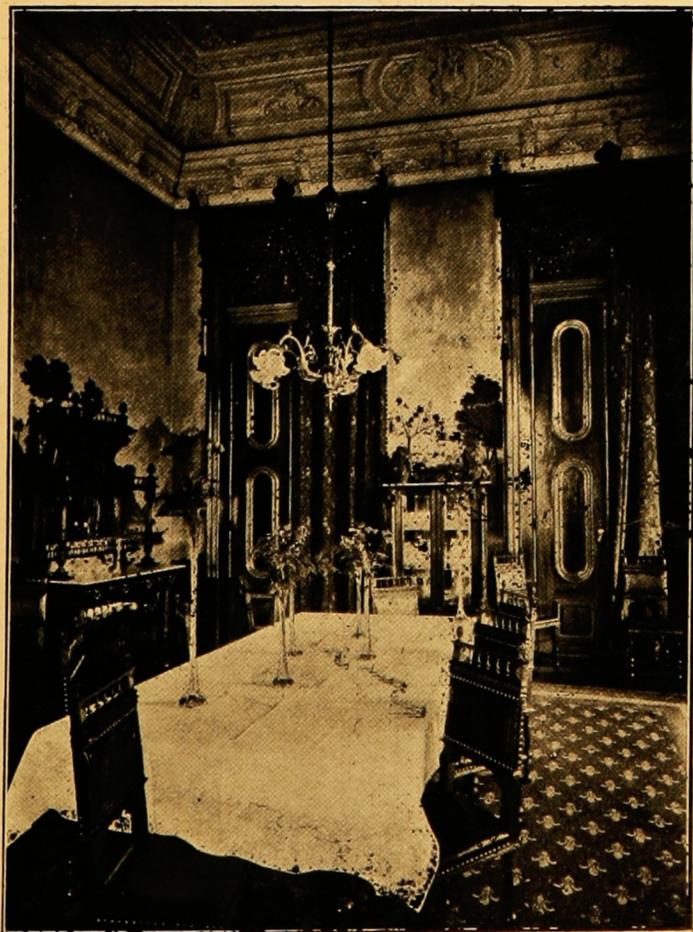
ROMA E OS CARBONARIOS

∞∞

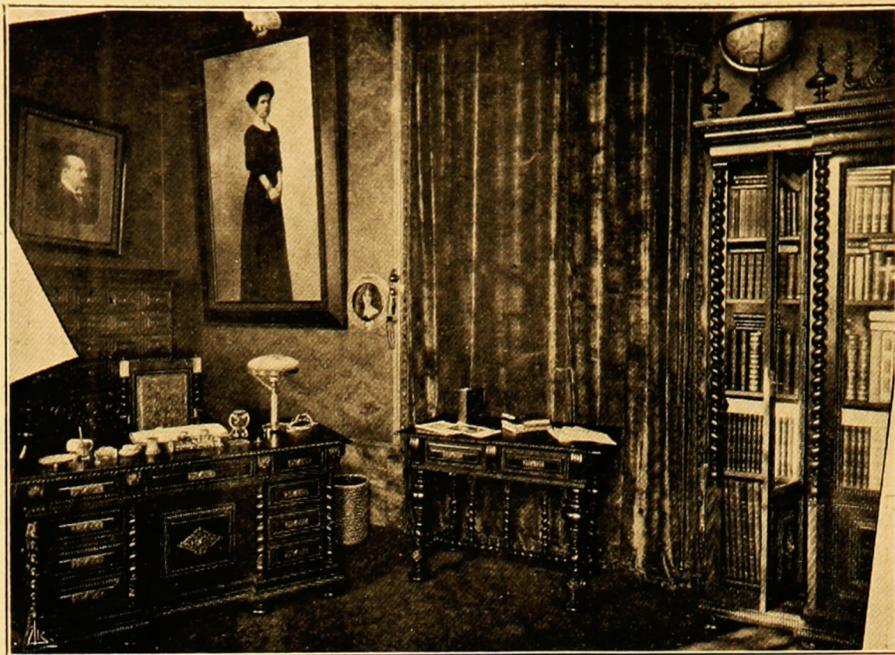
I



eminente poeta inglez, Byron, foi um dos primeiros organisadores das sociedades secretas em toda a Italia. Installou-se em Rávena a combater os thronos e



Sala de jantar



Escriptorio

o altar, á sua voz povoaram-se de adeptos as cidades de Ferrara, Bolonha e Forti.

A decadencia dos franco-maçons era manifesta, essas velhas associações derruiam estrepitosamente. Foi então que das ruinas se ergueu a sociedade dos *carbonarios*, constituídos de fôrma que não podiam revelar a sua existencia, ligados entre si por terriveis juramentos e formando tribunaes invisiveis em que impiedosamente decretavam a morte de todos os individuos que lhes estorvavam os passos. Aos povos prometiam o El-Dorado, hão lhes fallavam senão de justiça, independencia e fraternidade... e na insurreição. O gran-mestre dos *carbonarios* foi Mazzini. Organizou a joven Allemanha, a joven Suissa, a joven Polonia, a joven Hespanha, a joven Italia, a joven Europa. Estas sociedades derramaram-se por todo o mundo conservando invisivel e forte ligação. Mazzini, diz um historiador, escolheu Genebra, qual outro Moysés, para seu Sinai, d'onde promulgava as suas *tabuas da lei*.

Mercê do mysterio em que cresciam, do terror que espalhavam, affirmando estarem em toda a parte e em parte nenhuma, os *carbonarios* inculcavam trabalhar na emancipação dos povos e na redempção da humanidade. Em 1734 escrevia Armando Carrel:

— «Vamos a destruir as monarchias, mas quando essa lucla acabar teremos de sustentar outra contra esta multidão de imbecis furiosos que ha nas nossas fileiras.

Custa bem menos fazer uma revolução que dete-la na sua marcha».

Nas instrucções de Mazzini lia-se sobre a maneira de revolucionar a Italia:

— «A regeneração deve fazer-se na França pelo povo, na Italia pelos principes. O Papa entrará no caminho das reformas por necessidade; o rei do Piemonte porque aspira á corôa

da Italia; o granduque de Toscana por inclinação, debilidade e imitação; o rei de Napoles pela força.

A *joven Italia* obedecia ao seguinte estatuto:

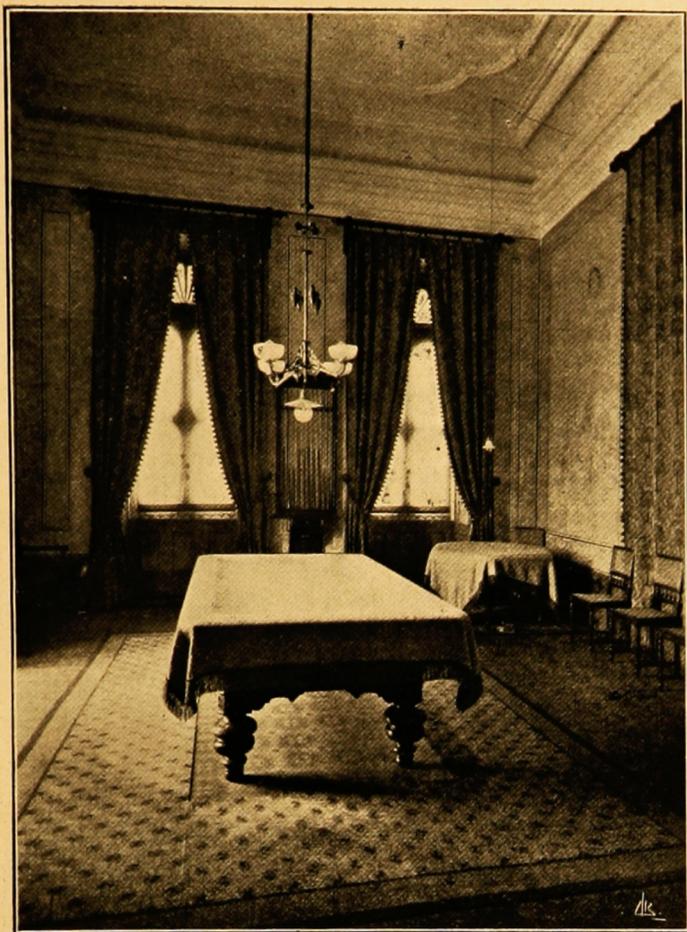
Art. 1.^o—Esta sociedade constituiu-se para destruir todos os governos da peninsula e formar um unico Estado de toda a Italia sob a forma republicana.

Art. 2.^o—Havendo reconhecido os grandes males do poder absoluto, e os ainda maiores das monarchias constitucionaes, devemos trabalhar na formação d'uma republica unica e indivisivel.

Art. 30.^o—Os que não obedecerem ás or-



Salão de dormida



Salão de bilhar

dens da sociedade secreta, ou revelarem seus mysterios, morrerão apunhalados. Igual pena soffrerão os traidores.

Art. 31.^o—O tribunal secreto pronunciará a sentença e designará um ou dois filiados que a executarão sem dilação.

Art. 32.^o—O que se negar a executar a sentença será considerado perjuro e como tal morto.

Art. 33.^o—Se a victima fugir será perseguida sem descanso por toda a parte, e o culpado receberá o golpe de mão invisivel, ainda que esteja no regaço de sua mãe ou no tabernaculo de Christo.

E é que o programma foi horrivelmente cumprido. Uns após outros, e entre muitos, foram assassinados o director da policia de Modena, o prefeito da policia de Napoles, o legado de Ravena, os generaes La Tour, de Anwers Wald, de Lemberg, e o conde de Rossi.

A propaganda das sociedades secretas redobrava de intensidade e de audacia; quando a Santa Sé conseguiu que as tropas francezas e austriacas evacuassem os Estados pontificios foi mister organizar tribunaes extraordinarios para balizar a audacia da *joven Italia*. Mas novas sublevações estalam, a cidade de Rimini cae em poder dos *carbonarios* para em breve

se render ás tropas legaes. Mazzini, resolvendo esperar a oportunidade disse :

—«As nações não estão bastante maduras para a emancipação, são precisas mais luzes.

E, então, o principe Canino, o primogenito das revoluções romanas, organizou com o nome de *Congresso Scientifico* uma poderosa e vasta propaganda revolucionaria, agitando Turim, Genova, Florença, Napoles e outras grandes cidades que acolhiam com entusiasmo os novos apóstolos.

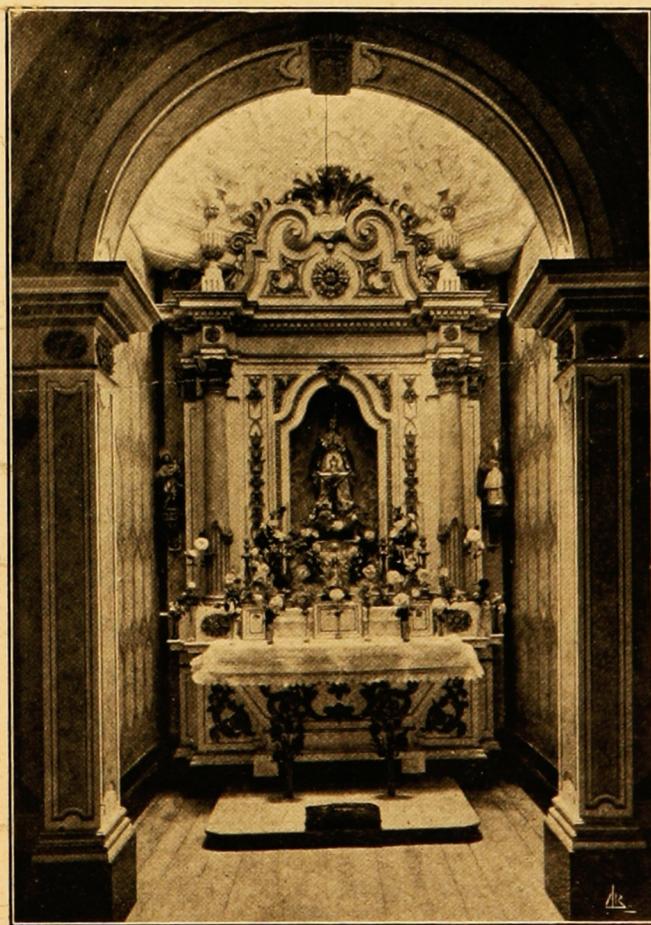
O *Congresso Scientifico* inscreveu no seu programma estas bases da regeneração italiana :

1.^o—*Prometer a Lombardia ao Piemonte*. Era o sonho de Carlos Alberto.

2.^o—*Engrandecer o Estado romano com todos os paizes que o separam de Veneza*. Esperavam assim reduzir o governo pontificio.

3.^o—*Offerecer a Sardenha ao rei de Napoles*. Esperavam tentar as Duas Sicilias.

Este plano foi posto em pratica, em toda a parte os *carbonarios* abriram brecha, menos no Vaticano. Gregorio XVI, comprehendendo nitidamente os propositos dos *carbonarios*, e opoz-se-lhes tenazmente. O Papa, isolado, sem forças sem apoio, em circumstancias sobremaneira criticas, foi o unico que resistiu á onda revoluciona-



Capella (interior)



P. Manoel Barboza fallecido em Gondarem, Villa Nova de Cerveira aos 73 annos de idade e 50 de sacerdocio, no dia 1 de julho de 1913

ria que se erguia formidavel. Mas Gregorio XVI morreu a 1 de junho de 1846, e as sociedades secretas exultaram; Mazzini, pôde desassombradamente dizer que a oportunidade chegara e seguidamente rebentaram, na mais pavorosa anarchia, sublevações em Parma, Modena, Veneza, Roma, Napoles, Palermo, Florença, Milão. Mazzini accendera o facho e a Italia ardia.

T. F.

Fastos do Catholicismo

Devoção a Pio X

A crypta onde repousam os restos do santo Pontifice Pio X, está sendo muito visitada; e são soldados grande numero dos que constituem verdadeiras peregrinações para orar, junto ao sepulchro do Papa da Eucharistia que morreu ao contemplar a Europa em armas, pelos que parlem para a guerra.

As Juventudes Catholicas

Os periodicos liberaes de Italia e da França teem ullimamente lançado affrontosas calumnias a S. Santidade e ao clero italiano. D'este, essa imprensa maçonica affirmou com inaudito despudor que era traidor á Italia e vendido ao imperio austriaco.

As Juventudes Catholicas italianas tomaram a peito a defeza do seu clero, e como um jornal impio calumniasse nomeadamente uns sacerdotes, processaram esse jor-

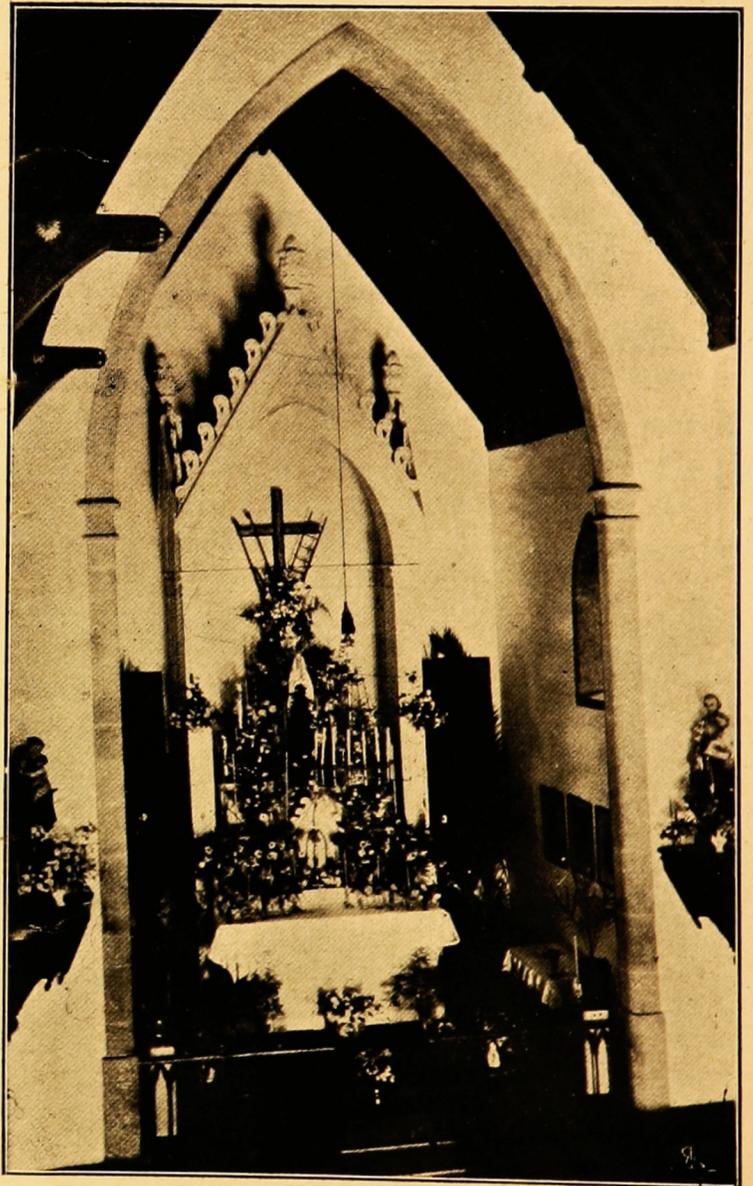
nal, sendo d'esta forma brilhante a refutação da calumnia.

A volta ao redi,

Quatro pastores anglicanos, conhecidos e muito estimados em Brighton pela sua caridade, saber e piedade, abjuraram o protestantismo e entraram na Egreja Catholica. Os recém-convertidos são os rev.^{os} Arthur Cocks, antigo pastor de S. Bartholomeu; Olivier Henry, aggregado ao clero da mesma; Henrique G. Hinde, pastor da Annuniação, e um dos seus coadjuutores, R. Prince.

Não serão estes os ullimos que na Patria de S. Thomaz, Arcebispo de Cantuaria, se converterão ao catholicismo. Praza a Deus que muitos imitem estes nobres exemplos.

R. C.



Altar da Capella da Granja, propriedade do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Calcedonia, no dia da conclusão do Mez de Maria

(Cliché do snr. J. W. de Mesquita)

POEMAS

PEQUENINOS

TER MÃE

OCO

Ter Mãe! É ter um thesouro
De tão subido valor
Que não ha, no mundo ouro
Que nos pague esse thesouro:
Nossa Mãe, —o nosso Amor.

Ter Mãe! É ter uma estrela
Sempre a guiar-nos na Vida.
Ter Mãe! É ver na procela
Apar'cer-nos com a estrela
A força nunca vencida.

Ter Mãe! É ter um carinho,
É ter pão, é ter um ninho
Onde se vive tão bem,

Que a gente após o deixa-lo
Ha-de mil vezes lembra-lo
Suspirando: 'Minha Mãe'!

NÃO TER MÃE

Não ter Mãe! Ai, não ter Mãe,
É ter desgosto profundo:
Perdeu-se tudo no mundo...
Não tens Mãe! — Não tens ninguém.

Não ter Mãe!... A Mãe morreu...
E começa-la a chamar...
Saber que vive no Ceu
E não nos pode falar;

Não ter Mãe! — é não ter luz!
Não ter Mãe!... pesada Cruz
Que os orfãos têm d'arrastar.

Vivermos abandonados,
Perdidos e desprezados
Como os rochedos no Mar!...

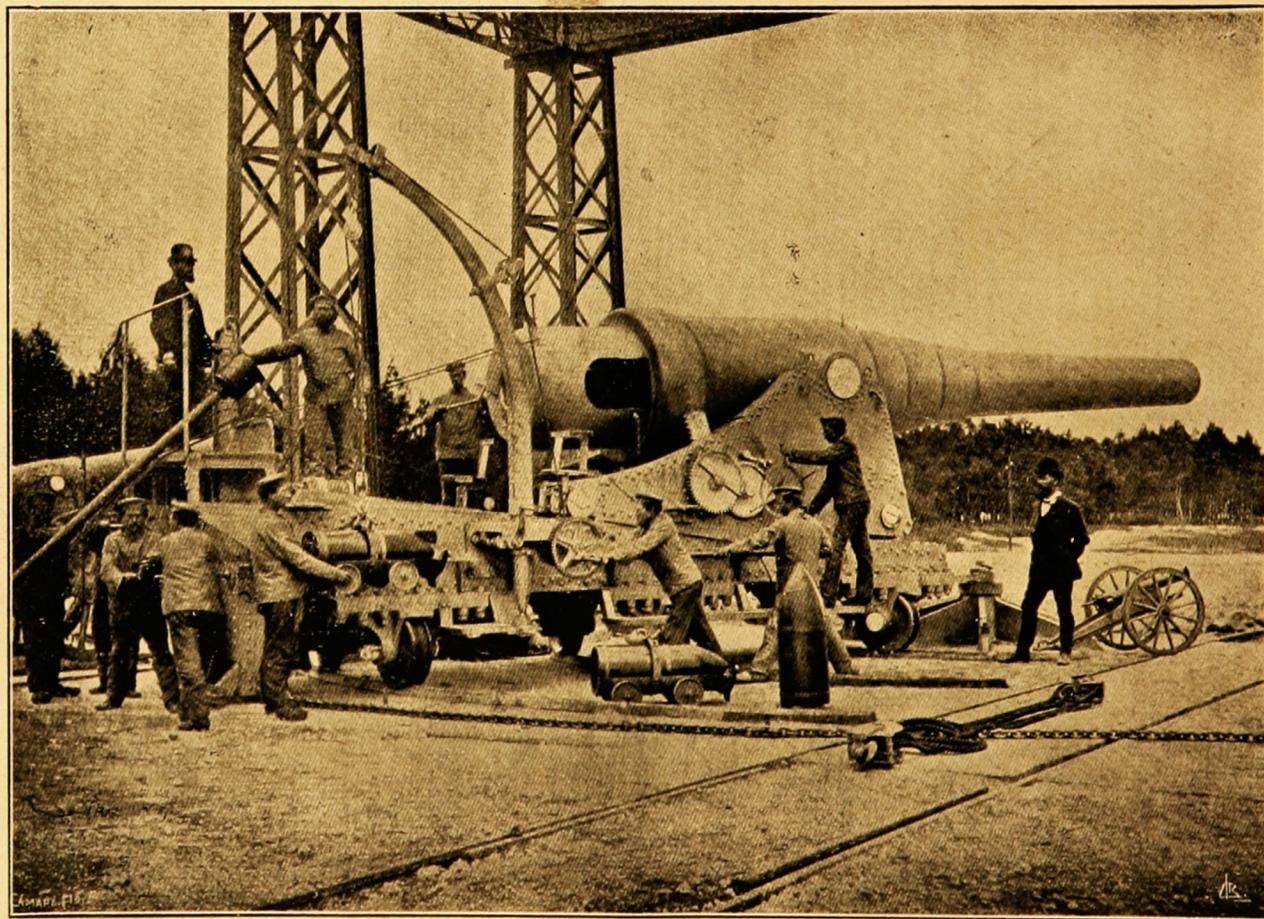
21-VI-915.

DURO DA SILVA (Rubo)

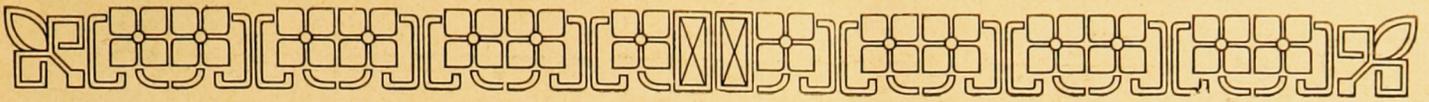
A Guerra Europeia



Canhão de grosso calibre da artilharia italiana disparando contra o inimigo



Canhão 35 e meio do exercito allemão



Heroico feito d'um marinheiro inglez do couraçado «Inflexible», que com grave risco de vida baixou aos hombros o vigia, ferido gravemente pela explosão d'uma granada turca no ataque aos Dardanellos



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Juizo de Trajano

OS julgamentos de Trajano vê-se sempre um espirito de justiça. Assim opunha-se a que se pronunciasse uma condemnação contra um ausente involuntario ou por simples suspeitas. O imperador escrevia um dia a Severo:

— Mais vale deixar escapar um criminoso do que castigar um inocente.

A disciplina no exercito

Avidio Cassio, homem rispido e ambicioso, foi escolhido por Marco Aurelio para conter os povos do oriente que se sublevaram, como na Gallia, na Hespanha, na Bretanha e em quasi todo o imperio. Cassio impoz a disciplina pelo rigor. Aos desertores mandava cortar as curvas das pernas ou as coxas. Um dia uns auxiliares surprehendem um corpo de barbaros e destroem-no. Tinham atacado sem ordem; Cassio manda crucificar os centuriões,

— Quem vos asseverava que não era uma cilada e que não perigaria a honra do exercito romano?

Indignam-se com esta severidade, rebenta uma sedição e o exercito ameaça o pretorio do general.

Elle vai sem uma unica arma e brada-lhes:

— Matae-me e acrescentae este crime á quebra da disciplina.

Entrou tudo na ordem. Diz o historiador que narra este e outros factos:

— Mereceu ser temido porque não temia.

E' sagrada

Cesar venceu a Gallia, primeiro pela força e depois pela doçura. Na conquista empregou oito annos, dez legiões, todo o seu inexgotavel talento, o respeito pelos vencidos, pelas suas leis e pela sua religião. Perdera a sua espada numa batalha, os seus soldados encontraram-na um dia pendurada n'um templo gallo e quiseram arranca-la, mas Cesar oppoz-se, dizendo:

— Fiquem com ella, é sagrada.

A dictadura de Pompeu

Em Roma campeava a desordem e até Catão chegou a desesperar da liberdade. Via a cidade ameaçada de dois perigos; de dentro

pela anarchia, de fora por Cesar, que partira das Gallias. Bibulo propozera Pompeu consul unico, para restabelecer a ordem na cidade e obrigar Julio Cesar a depôr as armas. É desta maneira argumentava:

— Vale mais escolher um senhor do que esperar o tyranno que certamente ha de nascer da anarchia.

Pompeu, que só ambicionava combater Cesar, acceitou a dictadura que Catão lhe offercia.

Versos pagam versos

Octavio Augusto descia em uma occasião a escadaria do palacio quando lhe saiu ao encontro um poeta grego, a ler-lhe uns versos recheiados de louvores. Pareceu a Cesar que bastaria pagar versos com versos e agradeceu com um delicado epigramma. Louvou o grego em altas vozes a elegancia da musa augusta, e mettendo a mão na algibeira deu humildemente a Octavio uma moeda de pouco valor, dizendo:

— Senhor, recebe não conforme a tua grandeza, mas conforme as minhas posses.

Riram-se os circumstantes, porem, Cesar, parecendo-lhe que era ainda tempo de fazer o papel de imperador, como o fizera de poeta, mandou que entregassem ao grego cem mil sestercios.

Esfolar as ovelhas

Aconselharam Tiberio Cesar que lançasse maior tributo ao povo, e elle respondeu:

— O bom pastor tosquia, mas não tira a pelle ás ovelhas.

Segundo em Roma

Cesar, passando os Alpes, dormiu uma noite em aldeia frigidissima e inhabitavel. Os seus companheiros perguntaram-lhe, por zombaria, se n'aquelle cerro haveriam invejas e ambições. Cesar respondeu:

— Antes aqui ser primeiro, que em Roma segundo.

Facilmente crê o atribulado. — *Seneca.*

Em muita paixão não ha conselho. — *São Bernardo.*